

O CORPO E SUA AUSÊNCIA NA VIDEOVIGILÂNCIA

Livia Zafanelli¹

RESUMO: O presente artigo tem como foco a reflexão e compartilhamento de algumas de minhas práticas de criação dentro do campo da arte, com o objetivo dividir experimentações relativas a parte de meu trabalho como aluna regular da Linha de Pesquisa de Processos de Criação no Cinema e nas Artes do Vídeo do Programa de Mestrado em Cinema e Artes do Vídeo da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR - Campus II). O texto é derivado de uma das investigações propostas no meu projeto de pesquisa sobre violência e vigilância, que busca investigar e compreender melhor de que formas o corpo se apresenta (ou não) para estas câmeras e como nós os percebemos ao consumir estes conteúdos. Aspectos da videovigilância, da violência e do corpo e sua ausência nos registros de câmeras públicas de vigilância são analisados sob a ótica de meu processo criativo artístico, com base principal nos textos e estudos dos filósofos Lars Svendsen e Edmund Burke.

Palavras-chave: processo criativo; corpo; videovigilância; violência.

THE BODY AND ITS ABSENCE IN VIDEO SURVEILLANCE

ABSTRACT: The present article focuses on the reflection and sharing of some of my creative practices within the art field, with the aim of sharing experiments related to part of my work as a regular student of the Research Line of Creative Processes in Cinema and in Video Arts of the Master's Program in Cinema and Video Arts at the State University of Paraná (UNESPAR - Campus II). The text is derived from one of the investigations proposed in my research project on violence and surveillance, which seeks to investigate and better understand how the body presents itself (or the absence of its presence) to these cameras and how we perceive them when consuming these contents. Aspects of video surveillance, violence and the body and their absence from the records of public surveillance cameras are analyzed from the perspective of my artistic creative process, based mainly on the texts and studies of the philosophers Lars Svendsen and Edmund Burke.

Keywords: creative process; body; videosurveillance; violence.

245

¹ Artista visual e pesquisadora, especialista em Poéticas Visuais pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (UNESPAR – Campus Curitiba I) (2018). Atualmente é aluna regular do Programa de Mestrado em Cinema e Artes do Vídeo na Unespar/FAP (PPG-CINEAV) e membro do Grupo de Pesquisa Kinedária – Arte, Poética, Cinema, Vídeo (Unespar/PPG-CINEAV/CNPq). E-mail: livia.zafanelli@protonmail.com

Figura 1- Lívia Zafanelli - Thoughts on Violence (2018)



Fonte: acervo da autora

246

INTRODUÇÃO

Em 2018, apresentei o trabalho *Thoughts on Violence*² como requisito para obtenção do diploma de Pós-graduação em Poéticas Visuais pela UNESPAR. O trabalho é uma investigação sobre a estética da violência e as emoções despertadas pelo assunto. O estudo tem como referência teórica principal os escritos do filósofo irlandês Edmund Burke sobre o Sublime. Além dele, cito reflexões de alguns outros estudiosos, como John Lawrence e Lars Svendsen. Em *Thoughts on Violence*, o foco é exclusivamente a violência física e não suas variáveis como a violência psicológica ou entre forças políticas, por exemplo.

² Vídeo de aproximadamente 19 minutos, produzido em 2018 como objeto prático da monografia homônima, resultado da Especialização em Poéticas Visuais da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (UNESPAR-Campus de Curitiba I). A pesquisa, orientada pelo Prof. Dr. Fábio Jabur de Noronha, teve como membros da banca examinadora a Profa. Dra. Débora Santiago e o Prof Dr. José Eliézer Mikosz, ambos professores da Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

Agora, como projeto para o Programa de Mestrado em Cinema e Artes do Vídeo, pretendo analisar a violência através da vigilância. O assunto não é mais a violência física e explícita. Na vigilância, a violência é silenciosa, quando não, invisível. Entendo que a vigilância não é amplamente interpretada como uma forma de violência porque a sociedade, de forma geral, tende a associar a violência a ações explícitas visualmente, a chamada violência gráfica. Sendo assim, o tema da pesquisa atual é, portanto, um desdobramento da minha pesquisa da Especialização em Poéticas Visuais.

Portanto, julgo necessário afirmar que este artigo é uma tentativa de explicar o processo de criação de um dos vídeos que pretendo realizar durante a minha pesquisa Linha de Pesquisa de Processos de Criação no Cinema e nas Artes do Vídeo do Programa de Mestrado em Cinema e Artes do Vídeo (UNESPAR - Campus II). Não tenho a pretensão de reafirmar verdades absolutas acerca da construção social que envolve o meu objeto de estudo. Busquei refletir sobre meu processo criativo e construir uma forma textual da minha prática como artista e pesquisadora, afim de contribuir para o enriquecimento dos estudos sobre Processos de Criação dentro do campo das Artes.

VIOLÊNCIA E VIDEOVIGILÂNCIA

Antes de me debruçar especificamente sobre o vídeo que pretendo produzir, me parece importante esclarecer as noções-base acerca de violência e videovigilância que adotei até agora durante minha pesquisa.

John Lawrence (1970, p. 35) nos diz que a violência pode ser definida como “toda a classe de ações que resultam, ou que se destinam a resultar, em ferimentos graves a vida ou suas condições materiais. (...) restrições físicas severas ou destruição de propriedade e comprometimento psicológico”. Porém, como aponta a pesquisadora em segurança pública Tiberius Hefflin em sua página na *internet*, “a violência não é apenas força. Em sua forma mais básica, ela pode ser interpretada como a retirada do poder de escolha”.

Trato aqui de duas formas de violência. A violência interpessoal física, que se manifesta classicamente por meio de golpes, uso de armas de fogo, instrumentos de tortura, e que muitas vezes resulta em mortes, e a violência coletiva psicológica, que não

apresenta sinais físicos evidentes. Meu estudo entende a videovigilância como uma forma de violência coletiva psicológica (que pode partir do poder governamental para a população e da população para a própria população) que registra a violência interpessoal física.

Como afirma Lawrence (1970, p. 49), “a violência nunca será eliminada; é um potencial humano permanente com o qual toda geração lida e não um “problema” que tem uma “solução”.

O filósofo francês Michel Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir* (1975), mencionou o abandono progressivo da punição física, como por exemplo a extinção dos suplícios públicos e sistemas de marcação física organizados pelas autoridades e o surgimento subsequente das prisões como forma de punir o indivíduo por meio do isolamento. Além de notar a transição das formas de punição, Foucault alertou sobre a maneira na qual o poder é exercido na sociedade e com qual finalidade.

A ampliação do conceito do Panóptico, inicialmente problematizado por Foucault, é chamado de superpanóptico por estudiosos contemporâneos e define o avanço das técnicas de vigilância (HICKS, 2018). Tal avanço não só deu origem a um sistema global de monitoramento, em que o ato de vigiar e todos os julgamentos subsequentes acontecem em tempo real e a uma distância geográfica significativa, como também estendeu nossos sentidos naturais.

Assim como mostra o documentário *Nothing to Hide*, todo estado que utiliza técnicas de vigilância em massa, o faz fundamentalmente para ter certeza de que o poder estatal não será ameaçado pelo seu povo. Tal prática destrói o senso de liberdade da população e cria um sentimento de medo que permeia todas as práticas diárias das pessoas. Segundo William Binney, ex-diretor técnico da NSA, justificar a vigilância em massa como proteção e prevenção a possíveis ataques terroristas, roubos ou assassinatos é uma falha, como se pode notar por meio dos noticiários que exibem diariamente altas doses de violência.

O diretor de cinema alemão Michael Haneke disse em uma de suas entrevistas³, que não é possível inventar nada pior do que acontece na realidade. Não só concordo com o que ele diz, como também encontro nessa afirmação uma das justificativas para meu

3 <<https://www.cinemablend.com/new/Interview-Funny-Games-Director-Michael-Haneke-8141.html>>. Acesso em: 28 de jul. de 2019.

método de apropriação de conteúdos que já existem. Assim como ele, também acredito que é praticamente impossível criar qualquer coisa que seja mais assustadora do que o mundo em que vivemos.

A possibilidade técnica para a instalação de extensos circuitos de vigilância por câmeras nos espaços públicos, apesar de essencial, não pode ser considerada a única razão para a adoção passiva desse dispositivo em inúmeras cidades no mundo inteiro. O discurso da insegurança - causada seja pelo terrorismo, seja pelo crime organizado ou pela delinqüência [sic] juvenil - indubitavelmente surge como importante fator de legitimação para essas políticas. É bastante factível que essa seja uma das principais razões para a ausência completa, ou quase completa, de qualquer questionamento a respeito da crescente instalação de câmeras de vigilância nas ruas e nos prédios (...). (CARDOSO, 2014, p. 22).

Como propõe o pesquisador Bruno Cardoso, professor do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a legitimação da videovigilância acontece através do discurso da insegurança, do medo da violência urbana, o que a torna quase inquestionável por parte da população. Nós confiamos e, conseqüentemente, aceitamos que as câmeras vigiem nossas ruas em troca da suposta segurança que ela proporciona.

GOSTAMOS DE VIOLÊNCIA?

Nós podemos não gostar da presença da videovigilância no nosso cotidiano, mesmo que alguns concordem com a sua eficácia em termos de segurança, mas parecemos gostar de consumir a violência que resulta destes registros.

Como uma espécie de comprovação das afirmações de Burke e Svendsen, pretendo analisar a interação dos indivíduos com conteúdos publicados em páginas da *internet* por meio de comentários e curtidas pró compartilhamento de material violento registrado pela videovigilância. Ainda estou no começo desta análise, bem como dos testes com os vídeos, mas separei um exemplo para compartilhar no presente artigo que julgo ser interessante como início de estudo.

A imagem abaixo, retirada de um vídeo no *site* YouTube, mostra uma mulher sendo esfaqueada pelo marido na saída de um *shopping* na cidade do Rio de Janeiro. A cena foi registrada por uma câmera de vigilância instalada no local.

Figura 2. Captura de tela no site YouTube, <https://www.youtube.com/watch?v=vcE_utoX-N8>. Acesso em: 25 de jul. de 2019.



É possível notar, na primeira captura de tela da página do vídeo, que o número de pessoas que gostaram do vídeo é bastante superior ao número de que não gostaram, indicando, assim, uma atração por vídeos de violência interpessoal física e gráfica⁴. Em seguida, vemos o comentário de uma pessoa que expressa a sua indignação ao se deparar com a tarja que esconde a ação anunciada no título do vídeo, que resulta na ausência de imagens de violência gráfica.

250

Figura 3. Captura de tela no site YouTube, <https://www.youtube.com/watch?v=vcE_utoX-N8>. Acesso em: 25 de jul. de 2019.

Vídeo mostra mulher sendo esfaqueada por marido em shopping na Tijuca Rio de Janeiro

94,075 views

👍 313 🗨️ 87 ➦ SHARE ≡+ SAVE ...

Figura 4. Captura de tela no site YouTube, <https://www.youtube.com/watch?v=vcE_utoX-N8>. Acesso em: 25 de jul. de 2019.



clone do edu 1 month ago

Mano do ceu ai vc fala "imagens fortes" e bota censura po va a merda

👍 2 🗨️ REPLY

⁴ Não é a intenção do presente artigo discutir sobre feminicídio ou uma possível preferência de gosto de indivíduos por situações de violência específica contra a mulher, crimes de ódio por raça, crença ou orientação sexual.

A partir deste caso e levando em conta o demonstrativo de violência física capturado por câmeras de vigilância mostrado nos telejornais, é possível notar que o indivíduo está muito interessado no poder de sedução de imagens mostrando a violência gráfica, muitas vezes ignorando completamente sua ordem, causalidade, consequências ou qualquer outro fator circunstancial.

Como dito no início desta sessão, o intuito era comprovar pontualmente a atração por atos de violência explícita. Não é meu objetivo fazer, aqui, um amplo estudo de campo, com dados suficientes para afirmar completamente esta preferência, mas sim fazer uma sugestão desta inclinação.

O CORPO E SUA AUSÊNCIA NAS CÂMERAS DE VIGILÂNCIA

A princípio, pretendo produzir um vídeo com material extraído de câmeras de vigilância públicas (CFTVs + Câmeras IP) que registram a violência interpessoal física em espaços de uso comum, mas que também registram estes mesmos espaços sem a presença de seres humanos, com a intenção de refletir sobre a videovigilância que, com a intenção de registrar a violência, acaba por fornecer imagens do vazio, cenas sem corpos, paisagens a serem contempladas.

Argumento que a violência interpessoal física também pode ser entendida como uma forma de paisagem natural contemporânea na medida em que configura uma situação muito comum no cotidiano a ponto de se tornar parte daquilo que contemplamos em espaços públicos tanto quanto (e até mais, se partirmos da noção de que boa parte da população vive em grandes centros urbanos) as cenas onde não há a presença de seres humanos.

“Pode-se afirmar que a violência é repulsiva, mas podemos simplesmente afirmar que a violência é sublime. Não há nada que impeça que nenhum desses julgamentos seja legítimo. Em ambos os casos, estamos lidando com julgamentos de gosto - e o gosto estético não está necessariamente em conformidade com nossos julgamentos morais. (...) A violência pode dar origem a delícias estéticas, embora achamos isso moralmente deplorável”. (SVENDSEN, 2007, p. 82).

A violência interpessoal física pode ser entendida como uma espécie de paisagem natural contemporânea pela presença passiva no mundo em que vivemos hoje e como algo tão sublime quanto as paisagens da natureza por provocar o deleite estético.

“Tudo que seja de algum modo capaz de incitar ideias de dor e de perigo, isto é, tudo que seja de alguma maneira terrível ou relacionado a objetos terríveis, ou que atue de um modo análogo ao terror, constitui uma fonte do sublime, isto é, produz a mais forte emoção de que o espírito é capaz. (...) Quando o perigo ou a dor se apresentam como uma ameaça decididamente iminente, não podem proporcionar nenhum deleite e são meramente terríveis; mas quando são menos prováveis e de certo modo atenuados, podem ser – e são – deliciosos, como nossa experiência diária nos mostra.” (BURKE, 2013, p. 59).

Como Burke sugere, a experiência do sublime relacionada a atos de violência é distante, como por exemplo assistir a um ato de violência através de uma tela de computador, televisão ou celular ou ainda quando gravamos a violência que acontece diante dos nossos olhos, mas sabemos não estar sob ameaça de tal violência, ela pode ser considerada uma experiência sublime.

“Observa-se comumente que objetos que causariam aversão na realidade são, nas ficções trágicas ou outras semelhantes, a fonte de um tipo de prazer muito intenso. (...) O contentamento tem sido atribuído, em primeiro lugar, ao alívio sentido ao considerar que uma história tão sombria é apenas uma ficção e, em seguida, ao supor que estamos ao abrigo dos males cuja a representação assistimos.” (BURKE, 2013, p. 63).

A realidade, então, passa a ser entendida como ficcional, justamente pelo distanciamento que as telas nos proporcionam, como disse. A partir daí, estamos livres de qualquer ameaça real, prontos para consumir a tragédia da vida diária dos outros. A afirmação de Burke nos ajuda a compreender porque não gostamos de sofrer atos de violência, mas estamos dispostos a consumi-la como entretenimento. A violência registrada pela videovigilância passa a ser, então, uma espécie de realidade distante, facilmente confundida com a ficção, como nos filmes do diretor de cinema alemão Michael Haneke, por exemplo.

Como exposto, Svendsen, ao lado de Burke, associa a violência física a sensação de Sublime. Os dois argumentam que o nosso fascínio acerca daquilo que nos causa terror, medo, do que atinge nosso instinto de autopreservação não é algo novo. Atos violentos são muito sedutores e capazes de apreender nossa atenção com alto grau eficácia.

É interessante notar que, pelo fato de que este tipo de situação nos coloca em estado de alerta, a resposta mais óbvia seria evitar a exposição a situações assim, mas o que acontece em muitos casos é que nós podemos gostar ao invés de procurar nos distanciarmos deste tipo de ocasião, justamente pela sedução experienciada.

Além disso, uma das principais razões para essa busca por aproximação de situações que nos causam terror ao invés do desejo de nos afastar, é que essas experiências nos proporcionam uma espécie de satisfação, de deleite. O conceito de deleite, segundo Burke (2013), indica a sensação que acompanha a eliminação da dor ou do perigo, que é diferente do prazer positivo - o prazer obtido através de uma atividade naturalmente prazerosa, como por exemplo comer um pão com manteiga derretida -, mas uma espécie de prazer derivado do sentimento de alívio, resultante do distanciamento do perigo real.

EXPERIMENTOS

A busca por câmeras de vigilância públicas e de fácil acesso não é tão simples quanto pode parecer. Há, obviamente, uma quantidade gigantesca de endereços eletrônicos que compilam *streamings* de câmeras de vigilância públicas, mas encontrar imagens que se adequem a meus critérios formais e conceituais exige esforço, dedicação, horas buscando câmeras e mais horas encontrando aquilo que entendo como “a cena perfeita”. Meu conceito de perfeição, aqui, é sobre enquadramentos interessantes, contrastes, uma determinada qualidade nos arquivos de vídeo, a clareza na cena a ser assistida. Como ainda estou no início da pesquisa, não acumulei um banco razoável de tais cenas, por isso me limitei aqui a apenas compartilhar duas das tentativas que produzi até agora.

Meu primeiro experimento relacionando paisagens naturais e a violência física interpessoal resultou na justaposição de duas imagens brutalmente contrastantes. Na imagem da esquerda, a câmera de vigilância registra a neve caindo em uma floresta na Sibéria, no dia sete de julho de 2019. Na imagem ao lado, o registro é de um homem agredindo uma mulher nas ruas de Mianyang, China, no dia vinte e dois de junho de 2019.

Os dois vídeos são capazes de nos trazer a sensação de deleite, uma por sua beleza natural e outra por sua potência agressiva. Nos dois casos somos confrontados com um forte apelo estético, mas com origens distintas. Ao justapor os dois vídeos, minha

intenção é criar um confronto entre as duas situações tão díspares. Provocar o choque entre uma imagem pacífica, contemplativa, que nos coloca quase em um estado imersivo de relaxamento, e outra que nos joga a indignação e ao mesmo tempo desperta em nós o prazer estético, tanto quanto a primeira imagem.

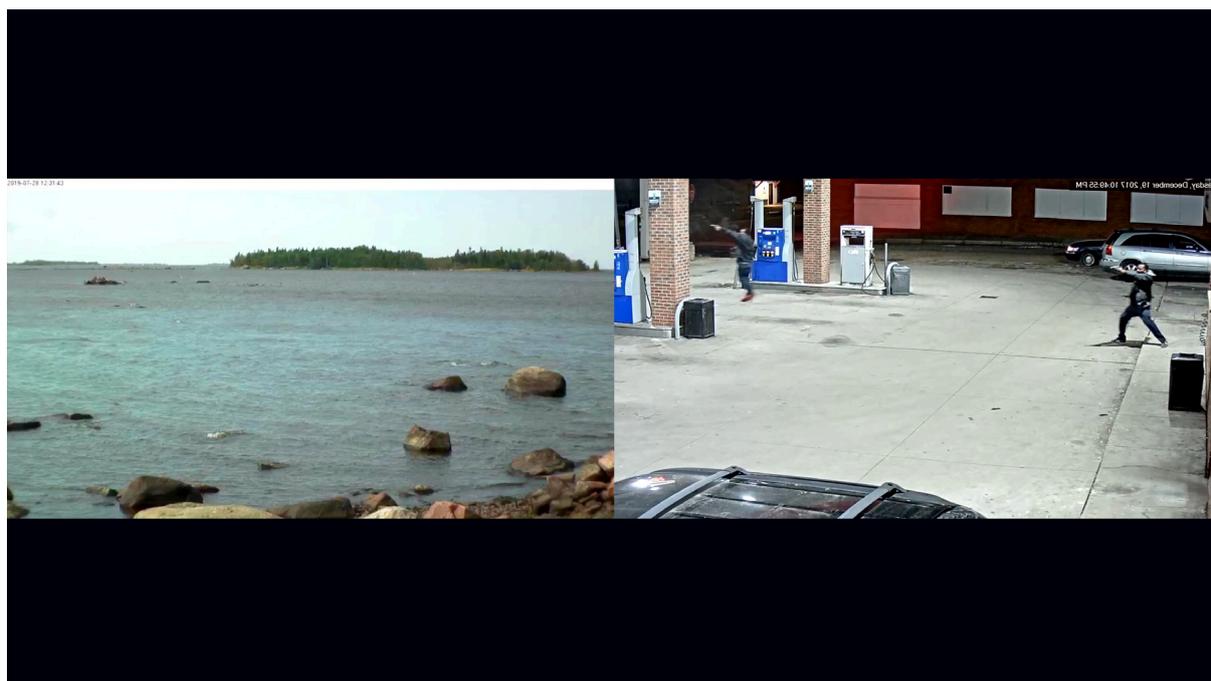
Figura 5. Experimentos com justaposição de registros de câmeras de vigilância.



Fonte: **acervo pessoal, 2019**

Na composição a seguir, vemos outro exemplo de meu experimento com estas duas ordens de imagens capturadas pela videovigilância. A primeira imagem mostra o balanço calmo das ondas no mar da ilha de Yttre Granskärsören, na Finlândia, no dia vinte e seis de julho de 2019, enquanto na segunda cena vemos um tiroteio entre gangues em local não identificado no dia dezenove de dezembro de 2017. Na cena que mostra a violência, dois homens são flagrados atirando contra outros homens que estão fora de quadro, enquanto tentam se proteger do contra-ataque.

Figura 6. Experimentos com justaposição de registros de câmeras de vigilância.



Fonte: acervo pessoal, 2019.

Tenho coletado imagens que ilustram estes dois momentos tão distintos entre si e pretendo continuar experimentando a justaposição destas imagens. Como o próprio processo de criação prevê, ainda estou em fase de experimentação pura, de refletir sobre o meu processo e os pequenos resultados que nascem destes experimentos.

255

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi elaborado com o intuito de compartilhar parte do meu processo de criação de um dos vídeos que irá compor meu trabalho prático dentro do Programa de Mestrado em Cinema e Arte do Vídeo. Como parte importante de todo processo criativo, experimentações, dúvidas, indagações permeiam o caminho, bem como a excitação e entusiasmo.

Até o presente momento, tenho em mente continuar os estudos mencionados aqui, bem como o processo de justaposição de tipos de cenas registradas por câmeras de vigilância, afim de criar um vídeo que será exibido em uma instalação junto a outros vídeos, fotografias e textos como conclusão do meu período dentro do Programa de Mestrado.

Acredito que quando se valoriza muito a chegada e se esquece do caminho, fica muito mais difícil apreciar as tentativas e erros que o processo inevitavelmente proporciona. Quando se considera o processo como um dos pontos principais, as tentativas e erros passam a ser material de aprendizado, de aventura, de uma série de coisas que enobrecem qualquer prática humana.

Portanto, não posso afirmar certezas além das que aqui já expus porque, como resultado do experimento, caminhos novos poderão ser encontrados, fazendo com que o rumo de minha perspectiva atual ainda sofra desvios e mudanças de direção.

REFERÊNCIAS

BURKE, Edmund. **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo**. 1ª Edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

CARDOSO, Bruno de Vasconcelos. **Todos os olhos**: videovigilâncias, voyeurismos e (re) produção imagética. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Faperj, 2014.

CURIOSO É VOCÊ. **Vídeo mostra mulher sendo esfaqueada por marido em shopping na Tijuca Rio de Janeiro**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vcE_utoX-N8>. Acesso em: 25 de jul. de 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

HEFFLIN, Tiberius. **Surveillance as Violence**. Disponível em: <<https://www.unroutable.me/blog/2016/6/15/surveillance-as-violence>>. Acesso em: 18 de jul. de 2019.

LAWRENCE, John. **Violence**. Social theory and practice journal, Volume 1, 1970. **NOTHING TO HIDE**. Direção de Marc Meillassoux. Alemanha/França, 2017. (86 min.): son.; color.

SVENDSEN, Lars Fr. H. **A philosophy of fear**. Londres: Reaktion Books Ltd, 2008.

Recebido em: 13/04/2020

Aceito em: 20/07/2020